

REFLEXÕES ACERCA DA PROBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Débora Fontes de Araújo¹

Myrella Oliveira da Silva²

Sabrina de Souza Gonçalves³

Zildene Francisca Pereira⁴

RESUMO

Este artigo foi construído na disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil II e tem como objetivo: Refletir os modos de aprendizagens, bem como as dificuldades e facilidades no que se refere ao ensino remoto, nesse período de pandemia da Covid-19. Diante da indissociabilidade do cuidar, do educar e do brincar, podemos pensar na importância de as unidades educativas exercerem a comunicação com a família, a partir de vínculos afetivos que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, as unidades devem ajudar e encorajar essas famílias a terem uma comunicação e escuta mais aberta e prolongada, sendo uma forma de cuidado com essas crianças, abordando e escutando os sentimentos, propondo brincadeiras e observando os seus comportamentos diante desse momento difícil para todos, dialogando sobre a saudade, a falta da escola, do brincar, dos amigos, para assim, entender e tentar amenizar a falta de toda a dinâmica e interação das aulas presenciais, evidenciando a importância da presença e do trabalho em conjunto da escola e da família no desenvolvimento dessas crianças, pois a responsabilidade da formação integral da criança/aluno não se resume a uma única instância. Assim, esse estudo nos possibilitou repensar práticas pedagógicas, bem como a formação docente, em tempos de pandemia e a necessidade da utilização das novas tecnologias enquanto aliadas ao processo de ensino-aprendizagem de crianças de diferentes faixas etárias.

Palavras-chave: Educação Infantil, Pandemia, Novas tecnologias, Formação de Professores.

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.
Email: deborafontes58@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.
Email: myrella2016oliveira@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.
Email: souzasa38@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, campus Cajazeiras/PB.
Email: zildene.francisca@professor.ufcg.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo central: Refletir os modos de aprendizagens, bem como as dificuldades e facilidades no que se refere ao ensino remoto, nesse período de pandemia da Covid-19. A construção do artigo é resultado das aulas na disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil II, no curso de Pedagogia, ministrado pela professora Zildene Francisca Pereira em momentos que nos fazem pensar o modelo de educação que temos e como podemos melhorar os encontros, a partir de uma análise mais aprofundada desse momento tão sombrio para a humanidade.

O artigo foi construído com base nos textos das autoras Marina Rebeca de Oliveira Saraiva; Solange Estanislau dos Santos “*O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia*”; Juliano Silveira “*O teletrabalho coletivo durante a pandemia da Covid-19: um relato de experiência na educação infantil de Florianópolis*” e Cleriston Izidro dos Anjos; Deise Juliana Francisco “*Educação Infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia*”. Como também, a partir de relatos pessoais das vivências das autoras Débora Fontes de Araújo, Myrella Oliveira da Silva e Sabrina de Souza Gonçalves.

Inicialmente, devido à pandemia instaurada em todo o mundo ocorreram diversos impactos no planeta e em vários setores da sociedade como: a economia, a saúde, o lazer, a cultura, influenciando “[...] diretamente a forma como estamos vivenciando as práticas pedagógicas nas escolas e instituições de educação infantil” (SILVEIRA, 2021, p. 316). Com isso, fez-se necessário estabelecermos novas formas de trabalho para darmos continuidade aos estudos, como o teletrabalho ou também conhecido como trabalho remoto, que ganhou força e se intensificou no ano de 2020 e permanece até os dias atuais.

1. Pandemia da Covid-19 e seus impactos educacionais

No que diz respeito à educação, especialmente, tivemos que nos reorganizar como os demais setores, ocorrendo o fechamento das instituições escolares, visto que como afirma Arruda (2020, p. 263), “A escola é um dos espaços sociais em que há maiores trocas e mobilidades de sujeitos de diferentes faixas etárias, portanto, representa espaço de maior probabilidade de contaminação em massa”. Dessa forma, as crianças, os jovens e os adultos passaram a ter aulas remotas. No entanto, a substituição do ensino presencial

pelo remoto desencadeou diversos problemas, desafios e questionamentos dentre as medidas que deveriam ser tomadas, dado que as instituições presenciais eram/são consideradas um local de proteção e acolhimento para as crianças de diferentes faixas etárias.

Outro ponto que cabe ressaltar, é que no Brasil foi emitido um documento CNE/CP nº 5/2020, pelo Conselho Nacional de Educação que retirava do Estado à responsabilidade de decisão das atividades aplicadas, ficando à mercê da própria instituição e dos docentes como e o que seriam aplicados neste ensino remoto. Ou seja, não se tinha um planejamento organizado e antecipado, logo, os professores e toda a comunidade escolar tiveram que redefinir suas formas de ensinar e aprender. Assim, conforme afirma o autor Silveira (2021, p. 317)

O discurso que predominava no momento e que se popularizava, sobretudo nas redes sociais, apontavam para a necessidade de a educação reinventar-se, abruptamente revendo seus métodos, integrando as tecnologias digitais ao fazer pedagógico, uma vez que a educação não poderia parar.

Desse modo, o ensino em muitas instituições escolares está se dando através de tecnologias digitais de informação e comunicação, com o auxílio de ferramentas educativas. E, isto fez com que os educadores de diferentes instâncias repensassem de modo urgente à escola e os ensinamentos ofertados por ela para um meio eletrônico, a fim de permanecer com o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, jovens e adultos, fortalecendo os vínculos já existentes e formando novos vínculos com aqueles alunos que estão começando agora, e exigindo, ainda mais dos educadores, instruções ou formações técnicas para que pudessem manusear os meios e ferramentas eletrônicas.

Diante de tudo que estamos estudando, devemos mencionar que as crianças fazem parte desse processo, pois são sujeitos de direito, sociais e culturais, amparadas por Lei. E, por estarem presentes na sociedade e na realidade, conectando-se e interagindo com as pessoas, interpretam as diferentes situações, logo, diante de uma pandemia não seria diferente, visto que, essa provoca impactos e reações em suas vidas. Ou seja, as crianças devem ser colocadas no centro do processo educacional em debate, pois como apontam Ataíde, Ferreira e Francisco (2015, *apud* ANJOS e FRANCISCO, 2021, p.130) “[...] as crianças têm entendimento sobre os riscos e benefícios que a internet pode gerar em suas vidas, posicionando-se criticamente quanto aos dispositivos digitais”. Deste modo, as

crianças devem sempre ser colocadas como sujeitos ativos e participativos, deixando espaço para que as mesmas se comuniquem e expressem seus sentimentos com relação a esta modificação na maneira de ensino-aprendizagem, uma vez que não foi uma escolha estarem nesta nova realidade, foi algo imposto devido às circunstâncias sanitárias que atingem o mundo de forma geral.

É importante ressaltar que a questão sobre utilizar ou não tecnologias digitais na educação divide-se em duas opiniões: uma voltada para a defesa do uso dessas tecnologias devido à inovação que os meios tecnológicos podem trazer para o contexto educacional, no qual pontuam que o uso de tecnologias digitais estimula na criança um senso de autonomia, visto que a mesma pode desenvolver a sua própria forma de uso. E outra voltada para a crítica, apontando que a utilização desses meios tecnológicos desde muito cedo pode acarretar em problemas de sociabilidade, considerando que a criança passará muitas horas diante de um computador, celular ou tablet.

Outra questão que podemos pensar é com relação ao desenvolvimento físico das crianças, já que não teriam a possibilidade de um desenvolvimento íntegro da mobilidade corporal, tampouco do desenvolvimento de brincadeiras que levariam a interação presencial entre os colegas e os professores. As crianças passam muitas horas sentadas diante de aparelhos, ouvindo as aulas e, em muitos casos, resolvendo as atividades que são propostas sozinhas ou com ajuda de algum adulto.

Sendo assim, devido à ocorrência desta nova forma de ensino, essa discussão sobre o tempo de exposição dessas crianças frente às tecnologias, tal como seus malefícios e benefícios, passaram a ser pauta não somente dos pais ou responsáveis pela criança, mas também das instituições de ensino e dos educadores que agora precisam refletir acerca do uso das tecnologias para a aprendizagem da docência, em tempos tão sombrios e a melhor forma de realizar atividades pedagógicas que favoreçam a aprendizagem da criança e sua realização enquanto docente, por conseguir ultrapassar suas próprias limitações com relação à utilização do novo modelo de aula.

Desse modo, foi necessária a readaptação dos pais, professores e das crianças em casa para o acompanhamento das aulas e a realização de atividades. Devemos pensar, ainda, que, mesmo à criança, em aulas via mensagens de WhatsApp, vídeos gravados ou até mesmo mensagens de voz deverão ser um suporte a mais para mantermos o vínculo com a criança, mas que ela não deverá passar tantas horas vidradas no celular, tablete ou computadores, sem ter algum momento para vivenciar a interação presencial com as

pessoas com quem convive, para não dificultar, ainda mais, a sua socialização e na volta às aulas presenciais ser mais um aspecto a ser trabalhado de forma efetiva.

1.1 Dificuldades no modelo de ensino não presencial

Esse modelo de ensino provocou novos desafios e adversidades, o que gerou muitas dificuldades, pois ao optar por essa modalidade de ensino surgiram muitos questionamentos, uma vez que a mesma envolve “[...] a utilização de tecnologias digitais como smartphones, tablets, computadores e dependem da qualidade de conexão de internet disponível” (SILVEIRA, 2021, p. 317), e isso se torna um problema, pois nem todas as famílias/crianças possuem condições ou acesso a esses meios, uma vez que muitos se encontram em situações precárias e de desemprego, o que acaba por dificultar, ainda mais, o atendimento escolar a todos.

Desse modo, “[...] as famílias pertencentes aos contextos sociais mais empobrecidos tendem a encontrar barreiras estruturais de acesso à educação na modalidade remota [...]” (SENHORAS 2020, *apud* SILVEIRA, 2021, p. 318), o que acaba por desencadear na exclusão social, como é citado por Gobbi, Anjos e Pito (2020, *apud* ANJOS e FRANCISCO, 2021, p.128) quando nos fazem repensar o que se tem proposto e afirmam que “A exclusão digital se constitui como uma faceta da exclusão social, que cria situações de sofrimento para cidadãos e cidadãs com as tentativas de emudecimento e aniquilação de suas humanidades no contexto das cidades”.

E, como é citado por Brasil (1988, *apud* ANJOS e FRANCISCO, 2021, p. 128) “O emudecimento e aniquilação passam pela negação e não efetivação dos direitos fundamentais, dentre os quais, direitos à educação [...]”. Desta forma, devido ao processo de exclusão provocado pelas desigualdades sociais e econômicas, são formadas barreiras no acesso à educação, de forma que o processo de aprendizagem e desenvolvimento, bem como a continuidade destas crianças na escola, seja na modalidade remota ou presencial, fiquem comprometidas e prejudicadas.

Outro fator que merece nossa atenção se dá pela carência de informações tecnológicas por parte dos professores, uma vez que, com o trabalho pedagógico à distância, em virtude da pandemia, muitos educadores (assim como todo o corpo docente) tiveram que se adaptar a esse modelo de ensino que não era comum à especialização deles, gerando muitos problemas. Em virtude da falta de uma formação apropriada os docentes

tiveram que contar com os seus próprios conhecimentos sobre a tecnologia (alguns possuindo mais conhecimento nessa área e muitos, menos) para adaptar (ou inovar) o seu método de ensino para o ensino a distância.

Embora esses educadores fizessem o uso da tecnologia diariamente, em razão de que vivemos em uma sociedade da informação e da tecnologia, podemos afirmar que alguns não possuem uma instrução apropriada para a aplicação de práticas pedagógicas, acarretando em complicações, tanto para a organização das aulas, quanto para a elaboração dos materiais didáticos como, por exemplo, os conteúdos audiovisuais. Visto que, os educadores devem dispor de uma preocupação em torno dos conteúdos a serem ministrados e a qualidade que esses conteúdos chegarão às famílias, preocupando-se também, que os mesmos exercitem diferentes habilidades nos educandos e sejam passíveis de compreensão e interpretação dos alunos que ficam com recursos reduzidos.

Outro ponto a ser citado diz respeito à Educação Infantil, visto que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil não possuem artigos que assegurem esta forma de ensino remoto. Suas Diretrizes Curriculares estão voltadas somente para a garantia de um ensino presencial, de forma que assegure a todos uma educação de qualidade como é descrito no Artigo 5º:

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2009).

Portanto, entendemos que, de acordo com as regulamentações presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, toda e qualquer atividade que não ocorra a partir da supervisão de uma pessoa capacitada e formada para isso, bem como que ocorra fora de um local específico e sem contar com a coletividade presencial, isto é, interações sociais com outras crianças por intermédio de brincadeiras para auxiliarem o desenvolvimento desta criança, não podem ser consideradas atividades pedagógicas para a Educação Infantil. Logo, embora a tecnologia digital permita uma interação entre alunos, pais e professores, a mesma só mantém os vínculos criados, não sendo considerados de fato, trabalhos pedagógicos.

Devido a isso, a Educação Infantil que vem se reconstruindo nesses últimos tempos de pandemia, encontra diversos impasses para a sua realização, pois como ressaltado por Silveira (2021, p.319)

[...] no que tange especificamente as possibilidades de um trabalho remoto na educação infantil, a ruptura representada pela substituição de uma prática docente que envolvia o toque, o cuidado, as interações, a presença e a disponibilidade corporal, por outra que se constituía na produção de propostas audiovisuais online [...].

Assim dizendo, é necessário que os educadores e os pais se atentem para o que essas mudanças representam para as crianças, pois eles fazem parte desse processo. Na Educação Infantil os educandos tinham todo o contato e atenção, tanto com os professores, quanto com os colegas da sua idade, juntamente com o diálogo, o brincar e o interagir, o que é muito importante para o desenvolvimento e socialização das mesmas e toda essa atenção antes disponível, acabaram sendo substituídas pelo ensino a distância.

Diante dos diversos contextos em que vivem as crianças, o ambiente de casa pode não trazer todo o apoio necessário para que elas se desenvolvam e supram suas necessidades escolares. Visto que, muitos passavam um período do dia ou tempo integral nas escolas, com uma rotina, interagindo com colegas da sua idade, bem como com professores os auxiliando e, em virtude do fechamento das creches e escolas, por causa do isolamento social, tiveram que ficar em casa em tempo integral. Devido a essas informações, muitas crianças estão na rua ou não tem o ambiente adequado em casa que ofereça alimentação, cuidados, estímulos e proteção adequada nesse momento delicado de cuidados com a saúde física e emocional de todas as pessoas.

Desse modo, levando em consideração nossas experiências pessoais, enquanto estudantes de Pedagogia, tivemos também algumas dificuldades no que diz respeito à qualidade da internet, pois em alguns momentos (durante as aulas) a mesma passa por instabilidades, dificultando a comunicação e a compreensão dos debates expostos. Além de nem sempre o ambiente ser favorável com o momento das aulas devido a barulhos externos, dificultando o entendimento e a participação efetiva nas discussões de textos e relatos de experiências diversas.

1.2 Facilidades e possibilidades nas aulas remotas

No que diz respeito às facilidades, destacamos a flexibilização de algumas escolas para com os educandos e famílias, principalmente com relação aos horários, as atividades e a comunicação, uma vez que os docentes se sensibilizam com o momento e a situação vivenciada pelos discentes, colaborando para um desenvolvimento ou aproveitamento um pouco mais positivo.

Utilizamos como exemplo dessa flexibilização a escola de Florianópolis, destacada no artigo que discutimos na disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil II, no Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB, quando o autor Silveira (2021) nos faz refletir acerca da participação das crianças e famílias atendidas pela instituição educacional, promovendo a oportunidade de participação e inclusão de todos os sujeitos nas atividades escolares, reconhecendo as desigualdades existentes. Desde então, o teletrabalho na Educação Infantil de Florianópolis tinha como um dos seus eixos estabelecer a comunicação com as famílias e as crianças.

Essa ênfase na comunicação com as famílias está relacionada diretamente com a necessidade de as Unidades Educativas assumirem o protagonismo, nessa dinâmica remota, de criar um cotidiano mais sensível com as crianças e famílias, abordando sentimentos, pensamentos, comportamentos e relacionamentos (SILVEIRA, 2021, p. 322).

De certo modo, essa preocupação das Unidades Educativas para com as crianças e com os pais/família, se torna fundamental e essencial para o processo de ensino-aprendizagem, bem como para o desenvolvimento das crianças, principalmente nesse momento tão difícil, que é o isolamento social em virtude da pandemia da Covid-19. E, assim como Silveira (2021) afirma, essa preocupação traz reflexos para uma pedagogia sensível ao tempo, que se volta para o cuidado e proteção das crianças, incentivando as famílias a estarem com as mesmas e a superarem todo sentimento de dor e saudade que venham a surgir.

Além disso, a forma como o trabalho coletivo docente se estabeleceu nas instituições de Florianópolis, é um exemplo de progresso para várias instituições que possuem dificuldades nesse período de instabilidades. Assim sendo, se estabeleceu entre

esses professores à docência compartilhada, durante todo o processo de planejamento houve trocas de ideias, conhecimentos, trajetórias e diferentes habilidades, com encontros online, discussões e diálogos por parte de diferentes perspectivas com dois objetivos em comum, desenvolver um plano pedagógico com a contribuição e participação de todos os docentes de forma ativa e levar uma educação de qualidade por meio da tecnologia a tantos lares diversos.

Outro ponto que foi destacado com relação às possibilidades ofertadas pelo ensino remoto é o aumento da interatividade entre os educandos e seus familiares, uma vez que as crianças ao utilizarem os meios digitais necessitam do apoio, auxílio e acompanhamento dos familiares para que se tenha o uso responsável e benéfico das tecnologias. Ademais, o ensino remoto nos proporciona projetar em alguns dias, horários de estudos mais flexíveis como, por exemplo, nas aulas assíncronas. Além de possibilitar mais conforto sem ter que se deslocar de uma cidade para outra (que é o caso de muitos discentes) permitindo ficar mais próximo da família, embora essa não seja uma realidade para muitos estudantes.

Considerações

Mediante a tudo o que foi exposto, alguns discursos que circulam na sociedade com relação ao cumprimento do ano letivo, em que o mesmo deve continuar e as vidas não podem parar, fez com que os autores Anjos e Francisco (2021) levantassem alguns questionamentos como "[...] há vidas que podem ser deixadas para trás?" ou "Que crianças e infâncias, famílias e docentes podem ser deixados para trás?". Proporcionando reflexões sobre alguns setores educacionais que estão mais preocupados em concluir o ano letivo, mesmo com todas as problemáticas já citadas, ao invés de humanizar-se com a situação enfrentada por muitas famílias que estão diante dos professores diariamente.

Portanto, há de se pensar que as instituições educativas devem estar além de ofertar apenas atividades para serem realizadas em casa durante este tempo de pandemia. Devemos recuperar o sentido das instituições como um papel de complemento para com a família e a criança, oferecendo oportunidade de escuta, de fala, de compreensão, de respeito e acima de tudo, de acolhimento. Assegurando a essas famílias, um mínimo de qualidade de vida e de educação durante este período tão árduo, visto que muitas crianças em situações de vulnerabilidade, neste momento, encontram-se ainda mais indefesas e

desprotegidas, devido à quantidade de horas que as mesmas precisam permanecer dentro de casa. Sendo assim, em virtude dos fatos mencionados, fica evidente a necessidade de novos modos de ensinar e de um estudo formativo amplo, envolvendo o currículo dos professores e a formação continuada dos mesmos, bem como à docência coletiva que envolve o apoio, a troca de saberes, experiências e partilha de conhecimentos entre os professores que durante esse período se torna fundamental, ajudando-os a adequar-se com toda a tecnologia necessária para um ensino de qualidade.

Desse modo, essa consciência coletiva pode ser formada em conjunto com os docentes e o setor administrativo da instituição escolar, a fim de planejarem qual prática pedagógica será implementada, já que o professor atua diretamente com os alunos sabendo das suas dificuldades e das diferentes realidades vivenciadas, assim, em união, os docentes podem se ajudar para encontrar uma mediação adequada para a aprendizagem dos educandos, somando a isso, a junção de diferentes trajetórias e visões de mundo, o que acaba por contribuir com o diálogo e com a formação pessoal e profissional de cada um.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cleriston Izidro dos; FRANCISCO, Deise Juliana. **Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia.** Zero-a-seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 125-146, jan./jan., 2021.

BRASIL. Resolução **CNE/CEB 5/2009**. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192.

SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira; SANTOS, Solange Estanislau dos. **O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia.** Zero-a-seis, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020.

SILVEIRA, Juliano. **O teletrabalho coletivo durante a pandemia da covid-19: um relato de experiência na educação infantil de Florianópolis.** Zero-a-seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 316-332, jan./jan., 2021.